

## LEITURA, INTERPRETAÇÃO E SENTIDOS

Marilei Resmini Grantham\*

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo refletir, a partir da perspectiva teórica da Análise do Discurso, sobre as noções de leitura e interpretação. Com esse fim, apresentamos inicialmente uma breve reflexão teórica sobre pontos que julgamos essenciais para o desenvolvimento do trabalho; num segundo momento, apresentamos alguns exemplos que ilustram a teoria.

**PALAVRAS-CHAVE:** leitura; interpretação; sentidos; discurso.

### 1 INTRODUÇÃO

A interpretação, presença constante em livros didáticos de Língua Portuguesa ou “manuais” da língua, costuma ser apresentada sob várias etiquetas: compreensão do texto, entendimento do texto, explorando o texto, etc.

Sob qualquer um desses títulos, o objetivo, normalmente, é conduzir o leitor a responder questões como: o que quis dizer o autor?; qual a intenção do autor com esse texto?; qual o sentido que esse texto nos revela? E assim por diante.

Nesse trabalho, esses questionamentos são, para nós, fonte de outros questionamentos: um texto possui *um* sentido?; é possível determinar o que *o autor* quer dizer com um texto?; um texto *fala* da mesma maneira para leitores distintos?

É a partir de tais indagações, portanto, que procuramos construir esse trabalho.

---

\* Professora da Fundação Universidade Federal do Rio Grande. Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

## 2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Início esta reflexão fazendo referência a Pêcheux (1990), o qual, procurando estabelecer relações entre descrever e interpretar, salienta que uma descrição "...não é uma apreensão fenomenológica ou hermenêutica na qual descrever se torna indiscernível de interpretar: essa concepção da descrição supõe ao contrário o reconhecimento de um real específico sobre o qual ele se instala: o real da língua" (Pêcheux, p.50).

É nesse sentido que se pode pensar em uma pesquisa lingüística que se desloca da obsessão da ambigüidade (entendida como a lógica do ou ...ou) para abordar o próprio da língua através do papel do equívoco, da elipse, da falta, etc.

Esse jogo de diferenças, alterações e contradições mostra então que questões como equivocidade e heterogeneidade são constitutivas da língua. E confere um outro estatuto à problemática da leitura e da interpretação.

É assim que Orlandi (1996), tendo por base as reflexões de Pêcheux, e discutindo sobre questões ligadas à interpretação, vai dizer que ela está presente em toda e qualquer manifestação de linguagem, pois não há sentido sem interpretação. Dito de outra forma: os sentidos não se fecham, não são evidentes, mesmo que aparentem ser. Além disso, eles jogam com a ausência, com os sentidos do não-sentido. Ou seja: a interpretação é sempre passível de equívoco, pois, apesar de sua vocação à unicidade e ao completo, a linguagem não tem como não conviver com a falta.

Do ponto de vista da significação, não existe relação direta do homem com o mundo, o que significa que a relação do homem com o pensamento, com a linguagem e com o mundo não é direta. É, pois, uma relação mediada. Daí a necessidade da noção de discurso para compreendê-la, pois o discurso é uma das instâncias materiais dessa relação.

É essa abertura da linguagem que Orlandi tem concebido como a abertura do simbólico, a qual tem sido tratada pela autora nos

limites indecisos e tensos entre paráfrase e polissemia<sup>1</sup>.

Nessa perspectiva, a interpretação, para Orlandi, é um *gesto*, ou seja, é um ato no nível simbólico.

Considerar a interpretação como um gesto nos possibilita pensá-la em sua ligação com a incompletude: a interpretação acontece porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pelo silêncio<sup>2</sup>.

Afirma então Orlandi: "Efetivamente, no momento em que se assume a incompletude da linguagem, sua materialidade (discursiva), o gesto de interpretação passa a ser visto como uma relação necessária (embora na maior parte das vezes negada pelo sujeito) e que intervém decisivamente na relação do sujeito com o mundo (natural e social), mesmo que ele não saiba" (Orlandi, 1996, p.20).

É nesse sentido que as diferentes formulações de um texto, suas diferentes versões, podem ser concebidas como novos produtos significativos.

É importante lembrar, porém, que as modificações na materialidade do texto pressupõem a adoção de diferentes posições de sujeito<sup>3</sup>, diferentes formações discursivas<sup>4</sup>, distintos recortes da memória, diferentes relações com a exterioridade.

---

<sup>1</sup> Esses dois processos são considerados por Orlandi (1987, p.84) como o fundamento da linguagem. A paráfrase é entendida como "formulações diferentes para o mesmo sentido" e a polissemia como "multiplicidade de sentidos" (p.84).

<sup>2</sup> A incompletude não deve ser pensada em relação a algo que seria (ou não) inteiro, mas em relação a algo que não se fecha. Isto porque o dizer é aberto e não tem um começo verificável, estando sempre em curso. E o silêncio deve ser considerado como aquilo que é fundante de qualquer sentido, é o não-dito do interior da linguagem. Ele não é o vazio, o nada, mas, ao contrário, tem significação própria.

<sup>3</sup> A noção de *posição-sujeito* designa a relação de identificação entre sujeito enunciador e sujeito do saber da FD.

<sup>4</sup> A *formação discursiva* é o lugar da constituição do sentido e da identificação do sujeito. É nela que todo sujeito se reconhece (em sua relação consigo mesmo e com outros sujeitos). É nela que o sentido adquire sua unidade (Orlandi, 1993, p.58).

As diferentes versões de um "texto original", nessa perspectiva, são apenas uma ficção, já que sempre são várias as leituras possíveis de um "mesmo" texto. Quer dizer: esse "mesmo" é sempre outro, fruto de diferentes movimentos de leitura e de interpretação.

Podemos então dizer que, ao significar, o sujeito se significa, e, nesse sentido, o gesto de interpretação é o que - perceptível ou não para o sujeito e/ou para seus interlocutores - decide a direção dos sentidos, ou seja, decide sobre a direção do sujeito.

A interpretação é, então, conforme ressalta Orlandi, uma injunção, o que significa dizer que, face a um objeto simbólico, o sujeito se encontra na necessidade de dar sentido, isto é, de construir sítios de significação, de tornar possíveis gestos de interpretação.

Encarando esse processo na perspectiva ideológica, é possível dizer que é na instância da constituição imaginária dos processos de produção dos sentidos que intervém aquilo que Orlandi vem denominando de *conteudismo*. Este supõe uma relação termo-a-termo entre pensamento/linguagem/mundo, como se a relação entre palavras e coisas fosse natural e não lingüístico-histórica. Daí a ilusão de se definirem os sentidos pela pergunta ingênua: o que "x" quer dizer?

É do conteudismo que resulta o que Orlandi denomina "perfidia da interpretação", isto é, o fato de considerar o conteúdo suposto das palavras e não o funcionamento do discurso na produção dos sentidos.

Considerando que a linguagem é transparente, as ciências humanas e sociais que assim encaram a interpretação concebem a ideologia como ocultação e, assim, deixam de pensar que, pela busca dos conteúdos (o que se quis dizer?), podem-se descobrir os verdadeiros sentidos do discurso, que estariam escondidos. Se não nos ativermos aos conteúdos da linguagem, é possível entender o modo como os textos produzem sentidos e perceber a ideologia como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria, no entanto, como a

interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado. A ideologia não é um conteúdo “x”, mas o mecanismo de produzi-lo.

Uma concepção discursiva de ideologia estabelece que a interpretação é sempre regida por condições de produção específicas que, entretanto, aparecem como universais e eternas. E é daí que resulta a impressão do sentido único e verdadeiro.

Em outras palavras: os sentidos não estão nas palavras. Para que a língua faça sentido, é preciso que a história intervenha. É por isso que nos afirma Orlandi:

A interpretação, portanto, não é mero gesto de decodificação, de apreensão do sentido. Também não é livre de determinações. Ela não pode ser qualquer uma e não é igualmente distribuída na formação social. O que a garante é a memória sob dois aspectos: a) a memória institucionalizada, ou seja, o arquivo, o trabalho social da interpretação em que se distingue quem tem e quem não tem direito a ela; e b) a memória constitutiva, ou seja, o interdiscurso, o trabalho histórico da constituição da interpretação (o dizível, o repetível, o saber discursivo) (Orlandi, p.67-68).

Desta forma, a interpretação se faz entre a memória institucional (arquivo) e os efeitos da memória (interdiscurso). Se no âmbito da primeira a repetição congela, no da segunda a repetição é a possibilidade do sentido vir a ser outro, no qual presença e ausência trabalham, e paráfrase e polissemia se delimitam no movimento da contradição entre o mesmo e o diferente. Ou seja: o dizer só faz sentido se a formulação se inscrever na ordem do repetível, no domínio do interdiscurso.

Enfim, podemos dizer, acompanhando Rodriguez (1998) que, para a Análise do Discurso (AD), a interpretação está na base da constituição do sentido. Assim, “não há sentidos dados: estes são construídos por/através de sujeitos inscritos numa história, num processo simbólico duplamente descentrado pelo inconsciente e pela ideologia” (Rodriguez, 1998, p.51). Em última análise, isso significa que os sujeitos têm um papel ativo e determinante na construção dos sentidos, mas que esse processo escapa ao seu controle e às suas

intenções.

É desse sujeito ativo e determinante, mas incapaz de controlar os sentidos, que Indursky (1998) fala, na verdade, quando discute a leitura:

não a partir de uma subjetividade pessoal, mas do ponto de vista de um sujeito histórico, interpelado ideologicamente, e, por conseguinte, inscrito em uma formação discursiva determinada. O sujeito-leitor, ao praticar a leitura, o faz identificando-se com esse sujeito histórico, e assim instituindo-se como efeito-sujeito (Indursky, 1998, p.189).

Indursky lembra que, numa formação social como a nossa, existem várias formações discursivas interligadas e que o sujeito, ao identificar-se com uma determinada *posição de sujeito*, acaba por inscrever-se em uma delas, com quem estabelece uma posição de identidade, ao mesmo tempo em que opõe-se às demais posições de sujeito, próprias a outras formações discursivas.

É nesse movimento, portanto, que se dá a produção dos sentidos, noção indissociável, em AD, da de paráfrase discursiva, conforme afirmam Pêcheux, Fuchs (1990, p.169).

É, pois, a partir da relação parafrástica entre seqüências discursivas pertencentes a uma *família parafrástica* que se constitui a matriz de sentido. Desse modo, uma seqüência discursiva, pertencente a uma família parafrástica, inserida em uma formação discursiva, inscreve-se em uma *matriz de sentido*.

Ora, como existem várias formações discursivas, existem também várias matrizes de sentido.

Por esse motivo, lembra Indursky (1998), não é possível pleitear a leitura única e objetiva de uma seqüência discursiva X. Afirma a autora:

Para que tal fato ocorresse, todos os *leitores* deveriam assumir as mesmas definições e apoiar-se no mesmo sistema de referência, identificando-se com a mesma *matriz de sentido*. É, pois, a inserção dos leitores em um mesmo sistema de valores que garante seu modo comum de leitura, responsável pela *produção de sentido* que resulta na "evidência de leitura", fazendo parecer óbvio e único o

---

*efeito de sentido que aí se produz*, o qual passa a ser considerado como "o" sentido (Indursky, 1998, p.191).

Assim, o sentido de uma seqüência discursiva não só é concebível a partir do sistema de referência de uma determinada formação discursiva, como também significa diferentemente ao passar de uma matriz de sentido para outra. A mudança de domínio de saber implica então o surgimento de um *efeito de sentido* diferente, mobilizado por um *efeito-leitor* também diverso.

Concluindo, diríamos então que, assim como o texto não é o exclusivo detentor do sentido, também os leitores não o são, mas que, ao contrário, esse(s) sentido(s) é(são) o produto de uma construção da qual participam sujeitos que determinam e são determinados.

### 3 PASSANDO DA TEORIA À PRÁTICA

A fim de ilustrar a teoria, optamos por expor, em uma breve análise, alguns movimentos de leitura e interpretação realizados a partir de reescrituras<sup>5</sup> de "Simples", texto que faz parte da obra "*Comédias da vida pública*", de Luís Fernando Veríssimo, e que, como o próprio nome indica, tem o humor como tônica.

Ao escolher trabalhar com reescrituras, buscamos, na verdade, a verificação de *famílias parafrásticas*, ou seja, a verificação das *matrizes de sentido* com as quais os leitores se identificam.

Em outras palavras, procuramos examinar os *efeitos de sentido* surgidos na reescritura do texto de Veríssimo, ao qual, apenas por uma questão metodológica, chamamos de *texto-origem* (TO), isto é, o texto que deu origem ao processo de criação de sentidos.

No desenvolvimento de nossa análise, trabalhamos com grupos discursivos que estão constituídos a partir de seqüências

---

<sup>5</sup> Os textos que analisamos aqui foram produzidos por alunos universitários, fato que, sabemos, mereceria uma atenção especial, já que estamos no campo do discurso pedagógico. No entanto, pelo caráter de brevidade que esse artigo exige, optamos por não trabalhar especificamente com esse item.

discursivas<sup>6</sup> (sd) encontradas em TO e que nos levam a perceber, nas reescrituras, os diferentes efeitos de sentido criados.

Os recortes são constituídos ainda por *blocos discursivos*, que revelam a inscrição dos sujeitos-leitores em uma determinada matriz de sentido.

Passemos então aos procedimentos de análise.

### **GRUPO 1: SIMPLES**

Nesse recorte, tomamos para análise a seqüência discursiva que serve de título ao texto do sujeito-autor Luís Fernando Veríssimo.

Vejamos então o que acontece:

#### **BLOCO 1:**

Sd1: " Fácil"

Sd2: " Comum"

Sd3: " Acontecimento banal"

O exame dessas seqüências discursivas, que reproduzem títulos dados pelos sujeitos-leitores a TO, mostra-nos a criação de uma família parafrástica, isto é, de um mesmo efeito de sentido entre os dizeres.

Podemos reconhecer também a manutenção do sentido encontrado em TO: votar para presidente é uma tarefa simples.

#### **BLOCO 2:**

Sd4: " Um ato de cidadania"

Sd5: " O voto valioso"

Como podemos observar, o efeito de sentido gerado por essas seqüências é diferente daquele observado no bloco 1.

---

<sup>6</sup> As *seqüências discursivas*, segundo Courtine (1981), são seqüências orais ou escritas de dimensão superior à frase.

Assim, *cidadania* e *valioso*, termos que os leitores empregam para referir-se ao ato de votar, são pistas que nos indicam que, nesse discurso, o efeito de sentido é outro. Aqui, votar para presidente não é *simples, banal*.

Quer dizer: ao lerem o “mesmo” texto, diferentes leitores realizam diferentes leituras, identificam-se com distintos sistemas de referência, e criam efeitos de sentido também distintos.

Em última análise: os leitores assumem posições-sujeito diferentes.

Mas esses não são os únicos efeitos de sentido encontrados. Vejamos:

### **BLOCO 3: CHATICE**

Sd6: “ É uma chatice.”

Como podemos notar, esse sujeito-leitor se identifica com outra posição, que não é nem a do bloco 1 nem a do bloco 2.

Quando diz que votar para presidente é *uma chatice*, esse sujeito-leitor assume então uma outra posição-sujeito, que não se identifica com a posição-sujeito que considera que votar para presidente é algo muito simples, e que não se identifica com a posição-sujeito que considera que votar para presidente é um ato muito valioso.

Desse modo, ao reescrever, o sujeito diz de modo diferente aquilo que está dito no texto-origem, ou seja, cria, em seu discurso, um efeito de sentido distinto daquele que está presente em TO.

Esse fato vem nos provar, na realidade, que o texto-origem é apenas uma ficção, uma vez que o sujeito, em seu discurso, revela seu assujeitamento, sua interpelação ideológica. Assim, mesmo quando “repete” um texto determinado, o sujeito está sempre produzindo sentidos, que podem ser iguais ou diferentes ao desse texto.

Concluindo a análise desse primeiro grupo discursivo, podemos dizer que encontramos sujeitos-leitores que se identificam

com posições de sujeito diferentes: no bloco 1 temos uma posição-sujeito, no bloco 2, outra posição-sujeito, e, no bloco 3, outra posição-sujeito.

Isso nos lembra que os sujeitos-leitores, ao se identificarem com uma determinada posição de sujeito, estabelecem uma relação de oposição com outra posição de sujeito.

Assim, se para a posição-sujeito 1 a eleição para presidente é sinônimo de *simples*, para a posição-sujeito 2 votar para presidente é sinônimo de algo muito *valioso*, e para a posição-sujeito 3 é uma *chatice*.

Passemos então à análise do grupo seguinte, a fim de verificar os efeitos de sentido gerados pela repetição de outras seqüências discursivas.

## **GRUPO 2: O ATO DE VOTAR É SIMPLES**

Esse grupo é construído a partir da seguinte seqüência discursiva, presente em TO: "*Na verdade, algumas pessoas acharão o ato de votar um anticlímax. (...) Votar para presidente é uma coisa tão simples quanto, sei lá, votar para vereador, embora os resultados possam ser mais desastrosos.*"

Note-se que o sujeito-autor Luís Fernando Veríssimo emprega o humor para tratar do tema. Ao falar em humor, estamos considerando que este surge sempre que acontece um jogo entre dizeres que se opõem, entre aquele dizer que já está estabelecido e aquele que se procura estabelecer.

Esse humor se manifesta no discurso através de várias pistas. Vejamos algumas dessas pistas:

- o termo em *anticlímax*, o traz para o discurso a idéia oposta de *clímax*, ou seja, o ponto culminante de um acontecimento que se desenvolve em uma escala ascendente, o grau máximo, o instante decisivo. Ou seja: algo positivo, desejado. O *anticlímax*, ao contrário, sugere a gradação descendente, o oposto do clímax. Esse jogo de oposições introduz uma espécie de brincadeira com a própria

---

realidade, uma forma de zombaria, de ironia com aqueles que esperam muito da eleição para presidente.

- Ao dizer que votar *é tão simples quanto, sei lá, votar para vereador*, o sujeito-autor novamente faz uso do humor. A expressão *sei lá* cria uma espécie de espaço não preenchido pelo sujeito-autor, que pode remeter o leitor para algo do tipo *é tão simples quanto qualquer coisa* ou *é tão simples que eu nem sei dizer quanto*. Note-se que em seguida esse espaço é preenchido com "é tão simples quanto votar para vereador." Assim, esse discurso acaba gerando o efeito de sentido que votar para presidente é como fazer qualquer coisa, ou seja: há uma brincadeira com a importância que alguns dão ao ato de votar.

- Veja-se ainda a oração *embora os resultados possam ser mais desastrosos*. Temos então:

Votar para presidente é tão simples  
quanto votar para deputado

EMBORA

os resultados possam ser mais desastrosos.

O uso do *embora* tem o efeito de causar uma mudança na orientação argumentativa, ou seja, um jogo entre posições-sujeito diferenciadas.

Assim, o enunciado "*embora os resultados podem ser mais desastrosos*", contrapõe duas posições: votar para presidente é tão simples quanto votar para deputado x votar para presidente não é tão simples quanto votar para deputado, pois os resultados são mais desastrosos.

O humor surge através da ironia, com a alusão a resultados *mais* desastrosos. Quer dizer: os resultados das eleições para deputado são desastrosos e os da eleição para presidente também, apenas esses últimos são *mais* desastrosos.

O sentido que se constrói aqui não está, porém, nas palavras, mas surge pela intervenção da história, pelo trabalho da memória, que nos "fala" de eleições cujos resultados foram ou têm sido desastrosos.

Vejamos, agora, os efeitos de sentidos encontrados nas reescrituras.

**BLOCO 1:**

Sd7: Votar não é o maior barato do mundo. Se você espera sentir algo diferente, está muito enganado. Os resultados podem ser diferentes, mas votar para vereador, deputado, é a mesma coisa.

Sd8: Votar não é nenhum 'bicho de sete cabeças', é uma coisa tão banal quanto votar para a eleição do síndico do prédio, apesar de que um descuido pode causar-nos muitas dores de cabeça.

Sd9: Na verdade, votar para presidente é o mesmo que votar para deputado, senador, o ato em si é o mesmo, talvez o que difere será o resultado, portanto, não espere algo de muito diferente.

Podemos considerar que essas seqüências discursivas estão em relação de paráfrase com a seqüência discursiva encontrada em TO.

Assim, por exemplo, o efeito de sentido de *votar é tão simples*, é o mesmo de *votar não é o maior barato do mundo*, *votar não é nenhum bicho de sete cabeças*.

Da mesma forma, o efeito de sentido causado por *os resultados são mais desastrosos* é semelhante ao verificado em *pode causar-nos muitas dores de cabeça*.

O que chama a atenção, nesse bloco discursivo, é que os sujeitos-leitores mantêm o jogo entre posições diferentes: votar para presidente é tão simples quanto votar para deputado x votar para presidente não é tão simples quanto votar para deputado (ou para síndico do prédio), pois os resultados podem ser diferentes, podem nos dar muita dor de cabeça.

Em outras palavras: mantém-se o tom irônico encontrado em TO.

Podemos dizer então que esses sujeitos-leitores, ao serem interpelados ideologicamente, inscrevem-se em uma mesma formação discursiva, ou seja, apoiam-se em um mesmo sistema de referência,

identificam-se com a mesma matriz de sentido de TO.

Vejamos o que acontece no bloco seguinte.

### **BLOCO 2:**

Sd10: Votar é muito difícil. É preciso ter bom senso e responsabilidade na hora de colocar o seu voto na urna.

Sd11: Votar implica uma festividade ímpar, em que o convidado é o Futuro e, se este não vier para nos alegrar, nós, a nação, sofreremos, e esse sofrimento poderá nos matar, extinguir, ou, quem sabe, apenas ensinar.

Sd12: Existem casos em que o indivíduo vai todo produzido, como se fosse a uma festa. Mesmo assim, não toma consciência da importância que tem seu voto e prefere anular o voto do que tentar mudar.

Sd13: A facilidade com que as pessoas marcam um x ou um y em um quadrinho é de deixar muitos de nós com o cabelo arrepiado. Votar é um processo bem rápido, a não ser, é claro, para aqueles que querem fazer desse ato legítimo uma solenidade, depositando na urna não apenas o seu voto, mas a sua esperança, fruto de uma opção consciente e acalentada durante os anos negros de repressão e ditadura.

Sd14: Me pergunto o porquê de tanta indecisão e imaturidade na hora do voto. Péssimas opções de escolha, anos e anos de opressão, falta de consciência política ou até mesmo descaso são respostas possíveis a essa questão.

Como podemos notar, há várias pistas que nos mostram que o efeito de sentido nesses textos é outro.

Assim, aquilo que tanto TO quanto sujeitos-leitores referem como *simples, fácil*, é designado aqui de outra forma: *é muito difícil; uma festividade ímpar; importância; solenidade*.

Esse sentido é ratificado pelo emprego de expressões como *responsabilidade, bom senso, consciência, futuro, mudar* e *esperança*, que são usadas para caracterizar o ato de votar para

presidente e suas conseqüências.

O exame desse bloco discursivo vem nos lembrar então que a leitura e a interpretação não podem ser encaradas como simples decodificação, como mera apreensão de um sentido que já está lá, posto, determinado. A interpretação, ao contrário, é determinada social e historicamente, é um efeito de *memória*.

É justamente esse efeito de memória, esse trabalho de interpretação que faz com que os sujeitos-leitores, nas Sd13 e 14, relacionem o voto à falta de liberdade, à opressão e aos *negros anos de repressão e ditadura* e deixem de considerar o ato de votar como algo muito *simples*, e passem a considerá-lo algo *muito importante*, que deve ser feito com *responsabilidade, consciência* etc.

É a intervenção da história que constrói, desse modo, um efeito de sentido diferente.

Não é mais, portanto, uma relação parafrástica que se estabelece entre o dizer de TO e o dizer desses leitores.

### **BLOCO 3:**

Sd15: Fazem uma propaganda de que é importante decidir o futuro do país e o resultado é sempre o mesmo: desemprego, fome, exclusão do pobre, ausência de educação.

Sd16: O ato de votar não passa de um cenário teatral, que envolve 'apenas' cento e cinquenta milhões de pessoas. Para que pensar? Tenha-se a certeza de que alguns já fizeram isso por todo o resto. Já está definida a resposta do evento e não adianta tentar nadar contra a maré, é seguir as regras ditadas pelos majoritários e opressores. Se é para haver uma mudança, que seja organizada em massa, pois, do contrário, nada adiantará.

Sd17: Votar é um verdadeiro falcete, bem como aquelas loiras maravilhosas e suas madeixas 'super-naturais', farmacêuticas até a raiz dos cabelos. Sirenes e apitos não fazem parte do coro cívico do instante redentor.

Sd18: Não espere um foguetório, nem uma festa; votar é tão

sem graça que acho que deveríamos ser pagos para fazer tal ato.

Mais uma vez, vemos surgir uma nova leitura da seqüência discursiva em estudo (*votar é simples*).

Esses sujeitos-leitores nem estabelecem uma relação de paráfrase com TO (*é fácil*), nem constroem um sentido contrário (*é difícil, é uma solenidade*), mas assumem um tom crítico e irônico, desvalorizando o ato de votar.

Assim, designam tal ato como *cenário teatral, falcete, sem graça*.

Enquanto os sujeitos-leitores do bloco anterior demonstram respeito pelo voto e esperança em seus resultados, esses sujeitos-leitores revelam-se desiludidos (*o resultado é fome, desemprego, exclusão...*), descrentes (*não adianta remar contra a maré*), oprimidos (*é seguir as regras ditadas pelos opressores*), desconfiados (*já está definida a resposta do evento*).

Esse fato parece comprovar que é impossível pensar que exista uma leitura única e objetiva de uma seqüência discursiva, já que nem todos os leitores inscrevem-se em uma mesma matriz de sentido.

É por esse motivo que, nesse bloco discursivo, vemos surgir um *efeito-leitor* diferente daquele que encontramos no bloco anterior.

Passemos, finalmente, ao último grupo de análise.

### **GRUPO 3: PORQUE AFINAL...**

Esse grupo discursivo analisa a reescritura da parte final do texto de Veríssimo (1995), cuja seqüência discursiva é a seguinte: *Não requer habilidade nem especialização, só bom senso. E não depende de qualquer tipo de preparação. Fora, claro, um banho na véspera, unhas limpas e aqueles sapatos que você está guardando, porque afinal...*

Como podemos perceber, o sujeito-autor deixa incompleta a fala final de seu texto, preferindo empregar reticências.

Procuramos então verificar os efeitos de sentido criados pelos

sujeitos-leitores de TO.

**BLOCO 1:**

Sd19: É um dia tão comum quanto os outros.

Sd20: Não precisa de preparação alguma, só que as pessoas façam sua higiene diária e se apresentem normal, como devem se apresentar como cidadãos.

Esse bloco discursivo nos mostra sujeitos-leitores com uma posição-sujeito coincidente com a posição verificada no bloco 1 do recorte 1, e com a do bloco 1 do recorte 2, que apregoam que votar é simples e que o dia da eleição é um dia comum como os outros.

Diríamos então que tais seqüências discursivas mantêm entre si uma relação parafrástica, ou seja, geram um mesmo efeito de sentido.

**BLOCO 2:**

Sd21: Afinal este é o nosso representante por quatro anos consecutivos, não saber votar leva toda a nação a um verdadeiro desastre; o ideal é ter bom senso e responsabilidade na hora de colocar o seu voto na urna.

Sd22: É preciso termos consciência da escolha feita, consciência essa adquirida através do acompanhamento da campanha realizada pelos candidatos.

Sd23: Votar, afinal, é um dever cívico.

Sd24: Porque se deve aproveitar esse episódio como algo especial, já que votar para presidente é um momento importante e muito sério, e que deve ser respeitado como um ato de cidadania e responsabilidade para com a pátria. Após muitos anos de silêncio e abuso, devemos caprichar no visual e na consciência, para escolher alguém certo para libertar o país de uma histórica submissão.

Esse bloco discursivo nos revela leitores que, ao ler o texto de Veríssimo, assumem uma posição-sujeito que, ao invés de relacionar o ato de votar a algo *simples*, falam em *dever cívico*,

---

*responsabilidade, momento importante e sério, algo especial, bom senso, consciência, acertar, caprichar, libertar.*

Podemos ver, novamente, um efeito da memória, quando, por exemplo, o sujeito-leitor da Sd24 fala em *anos de silêncio e abuso, histórica submissão*, numa clara alusão aos anos de ditadura.

O efeito de sentido que se constrói então é semelhante ao verificado no bloco 2 do grupo 1 e no bloco 2 do grupo 2. Em outras palavras: existe uma relação de paráfrase entre as seqüências que formam esses grupos e blocos discursivos.

### **BLOCO 3:**

Sd25: Não precisa de uniforme, vá de qualquer jeito, porque, afinal de contas, é o que eles merecem.

Sd26: A preparação é, na verdade, muito mais simbólica: um banho para tirar os maus fluidos, uma roupa nova (de preferência branca) e, para os mais supersticiosos, um galinho de arruda, uma figa e um pé-de-coelho, porque afinal, com os nossos políticos, é escolher o menos pior e torcer para dar certo.

Sd27: Para que se preocupar com o 'importante' ato de votar, se quem escolhe a resposta é alguém que não fala o idioma, não sabe como é o hino nacional, não sabe nem de que cor é a nossa bandeira? Se duvidar, nunca pisou no solo dessa pátria, e não tem nem idéia de como é a cédula eleitoral.

Sd28: A única coisa que muda é que tiramos a roupa mofada do roupeiro e vamos sonhar de novo; porque afinal, tudo acaba em pizza, frango, dentadura, etc.

É fácil constatar que o efeito de sentido desse bloco discursivo é outro.

Esses sujeitos-leitores, ao invés das palavras de esperança e respeito, preferem as que menosprezam os candidatos e o próprio ato de votar. Assim, temos, por exemplo: *vá de qualquer jeito, é o que eles merecem; escolher o menos pior.*

Percebemos que os leitores brincam com a realidade,

ironizam a situação. Desse modo, referem-se a *galinhos de arruda, figa, pé-de-coelho*, amuletos que seriam a única solução para nos ajudar a fazer a escolha certa.

Ainda uma vez, podemos constatar, como diz Orlandi (1996), que, para que a língua faça sentido, é necessário que a história intervenha. É, pois, a menção à história que nos permite compreender a expressão *no Brasil tudo acaba em pizza, frango, dentadura, etc.* Vemos então que o sujeito-leitor faz menção ao clichê *no Brasil tudo acaba em pizza* e completa-o com outros elementos – *frango, dentadura, etc* –, numa alusão ao governo de Fernando Henrique Cardoso, que conseguiu baixar o preço de determinados produtos – frango, por exemplo. No entanto, esse fato, usado como complemento do clichê que denota que no Brasil há muita impunidade e que nada se resolve como deveria – fatos negativos – cria um efeito de sentido que confere ao governo FHC um caráter também negativo.

Observe-se que o texto-origem é datado de 1989, antes do governo FHC; o leitor, no entanto, ao ler o texto, em 2000, “puxa-o” para a realidade mais atual. Isso só vem nos lembrar que a leitura é produzida, e, assim, as leituras de um “mesmo” texto mudam, de acordo com as condições em que são produzidas, condições das quais fazem parte os leitores, o contexto sócio-histórico, etc.

Finalmente, chamamos a atenção para a Sd27. Consideramos que essa seqüência discursiva (assim como tantas outras) seja um bom exemplo para ilustrar a afirmação de que a língua é feita de deslizos, de faltas, de silêncios. Faltas e silêncios que significam, no entanto.

Assim, o sujeito-leitor da Sd27 silencia, mas, por ser a língua um efeito da história e da memória, ele diz (*quem escolhe é alguém que não fala o idioma, não sabe o hino nacional, se duvidar nunca pisou o solo dessa pátria, e não conhece a cédula eleitoral*). Quer dizer: para esse leitor, o presidente brasileiro é escolhido, na realidade, não pelo povo que vota, mas é determinado por interesses maiores, que tornam o Brasil um prisioneiro da política internacional. É por isso que ele zomba da eleição e faz uma ironia, marcada através das aspas, sobre a importância do voto (*por que se preocupar com o*

*"importante" ato de votar?*

### **CONCLUINDO**

Ao concluirmos nossa análise, podemos resumir o que foi apresentado dizendo que constatamos, nas leituras de TO, que os leitores tomaram três caminhos diferenciados.

Esquematizando, temos:

	A	B	C
SD: SIMPLES	Fácil; Comum; Acontecimento banal; Rapidez e simplicidade; Fácil demais;	Um ato de cidadania;  O voto valioso;	Chatice;
SD: VOTAR É SIMPLES	Não é o maior barato do mundo; É algo muito natural; Não espere algo de diferente; É como votar para deputado;	É difícil: exige responsabilidade, bom senso; É uma festividade; É uma solenidade; É importante; É um depósito de esperanças;	É um cenário teatral; É um falcete; É sem graça; O resultado é: desemprego, fome, pobreza; A resposta já está definida antes da eleição;
SD: PORQUE AFINAL...	É simples mesmo.	É um momento importante; É um ato de cidadania; Este é o nosso representante.	Vamos escolher o menos pior; Tudo acaba em pizza; Não somos nós quem escolhemos, na verdade; Não é importante.
Votar para presidente então é:	SIMPLES	DEVER CÍVICO	ILUSÃO
	<b>EFEITO- LEITOR A</b>	<b>EFEITO-LEITOR B</b>	<b>EFEITO-LEITOR C</b>

Por meio desse quadro, podemos perceber, nas reescrituras, a formação de três famílias parafrásticas, ou seja, a existência de três efeitos de sentido distintos.

Dito de outra forma: cada uma dessas famílias parafrásticas constitui uma *matriz de sentido*, na qual os leitores se inscrevem motivados por um mesmo sistema de valores.

Assim, por exemplo, enquanto o sistema de referência do sujeito-leitor *A* considera a eleição para presidente da República como

algo *simples, comum*, o sistema de referência do sujeito-leitor *B* a considera como algo *muito importante, um dever cívico*, e o sistema de referência do sujeito-leitor *C* a considera como *uma chatice, um cenário teatral*.

É, pois, a inscrição dos leitores em uma *mesma matriz de sentido* (A, B ou C) que proporciona o surgimento de um *mesmo efeito de sentido* entre algumas seqüências discursivas (por exemplo: a eleição para presidente é fácil, é algo muito natural, é simples mesmo); por outro lado, é a inscrição dos leitores em *matrizes de sentido distintas* que proporciona o surgimento de *efeitos de sentido diferentes* entre outras seqüências discursivas (por exemplo: a eleição para presidente é comum, a eleição é muito importante, a eleição é uma chatice, um falcete).

Em outras palavras: cada um dos sujeitos-leitores de nosso *corpus*, ao ler a crônica de Veríssimo, identifica-se com um *sujeito-histórico*, interpelado pela ideologia e pelo inconsciente e inscrito em uma formação discursiva. Quando isso acontece, esse sujeito-leitor se institui como *efeito-sujeito*.

É, pois, a existência de diferentes famílias parafrásticas, de matrizes de sentido distintas, que possibilita a criação de *diferentes efeitos de sentido* na leitura, isto é, de *diferentes efeitos-leitores*.

É isso que nos permite ver a interpretação, conforme Orlandi, como um *gesto* que revela a relação do sujeito com o mundo. Tal relação o impulsiona a adotar uma posição-sujeito e não outra, o conduz a assumir diferentes recortes de memória, diferentes relações com a exterioridade.

Podemos finalmente considerar que constitui uma ilusão dizer que todos os leitores leram o "mesmo" texto.

Na verdade, para cada sujeito-leitor, a crônica *Simples*, de Luís Fernando Veríssimo, é um texto diferente. Como vimos, esse "mesmo" é sempre outro, resultado de diferentes leituras, de diferentes gestos de interpretação.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

COURTINE, Jean Jacques. Analyse du discours politique. **Langages**. Paris, v.62, p.0-128, 1981.

INDURSKY, Freda. A Prática Discursiva da Leitura. In: ORLANDI, Eni(org.). **A Leitura e os Leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

ORLANDI, Eni. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. São Paulo: Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 1993.

\_\_\_\_\_. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PÊCHEUX, FUCHS. A propósito da Análise Automática do Discurso. In: GADET, HAK (org.). **Por uma análise automática do discurso**. Campinas: Unicamp, 1990a.

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas, São Paulo: Pontes, 1990b.

RODRIGUEZ, Carolina. Sentido, interpretação e história. In: ORLANDI, Eni(org.). **A Leitura e os Leitores**. Campinas, SP: Pontes, 1998.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. **Comédias da vida pública**: 226 crônicas datadas. Porto Alegre: L&PM, 1995.

**ANEXO A****SIMPLES**

Daqui a exatamente duas semanas estaremos todos votando para presidente e, a não ser para os que terão que saber com certeza qual o codinome do Sílvio Santos, na cédula, e os que deixarão para escolher seu candidato no último segundo (“Na hora do fecho os olhos e taco qualquer um”), não será uma tarefa difícil. A única escolha é entre marcar o quadrinho com um “x” ou com um “v”. Há os compulsivos que precisam preencher todo o quadradinho, meticulosamente, e os inseguros que levam cola, mas, fora isto, ninguém terá razão para ficar mais de dois segundos votando. A não ser que queira saborear o momento.

- Por favor...

- Quequi foi?

- Você já está aí há meia hora.

- Levei trinta anos para fazer isto, meu chapa, e posso ficar mais trinta sem repetir. Não me apura!

Na verdade, algumas pessoas acharão o ato de votar para presidente um anticlímax. Como disse aquele guri depois que a professora explicou o que era sexo usando o exemplo das florzinhas e das abelhinhas: “E fazem uma propaganda!” Não espere ouvir trompas nem sinos nem experimentar qualquer tipo de barato cívico. Votar para presidente é uma ocasião tão simples quanto, sei lá, votar para vereador, embora os resultados possam ser mais desastrosos. Tão simples que não dá para explicar por que não fazemos mais seguido. Não requer habilidade nem especialização, só bom senso. E não depende de qualquer tipo de preparação. Fora, claro, um banho na véspera, unhas limpas e aqueles sapato que você está guardando, porque afinal...

01/11/89

VERÍSSIMO, Luis Fernando. **Comédias da vida pública**: 226 crônicas datadas. Porto Alegre: L&PM, 1995.

**ABSTRACT:** This work aims at thinking about concepts of reading and interpretation from a theoretical perspective of the Discourse Analysis. Firstly, is presented a brief theoretical reflection on topics that are considered essential to the development of this essay; secondly, are presented some samples applied to the theory.

**KEY-WORDS:** Reading, interpretation, meanings, discourse.